

Collyns, decepcionado com crescimento do País

Economia - Brasil

FERNANDO EXMAN

CINGAPURA

Considerado um dos especialistas em Brasil do Fundo Monetário Internacional (FMI), Charles Collyns, diretor-adjunto do Departamento de Pesquisa da instituição, foi autor das críticas mais duras à economia brasileira durante a reunião anual do FMI e do Banco Mundial, que acaba hoje

em Cingapura. Ele classificou de "decepçionante" o crescimento do Brasil e recriminou o aumento e a ineficiência dos gastos públicos, além da carga tributária do País. Em entrevista exclusiva a este jornal, Collyns — que liderava as missões do FMI ao Brasil até há poucos meses — falou sobre política e vulnerabilidade brasileira num

Continua na página A-5

Collyns, decepcionado com crescimento...

Se a economia dos EUA crescer menos será um movimento global e o Brasil não poderá escapar

FERNANDO EXMAN
SINGAPURA

Continuação da página A-1

cenário de possível desaceleração da economia norte-americana. Para o economista, há risco "bastante pequeno" de populismo no Brasil. Ele disse também não ver muitas chances de um eventual segundo mandato do presidente Lula da Silva ser menos ortodoxo do que o primeiro.



Charles Collyns

Gazeta Mercantil -

Os problemas da economia brasileira são históricos ou obra do governo atual?

Charles Collyns - São históricos. Não estou sugerindo que este governo aumentou os problemas. Este governo tem dado passos para reduzi-los, como a Lei de Falências aprovada em 2005 e as medidas para melhorar a informação sobre crédito, a fim de dar ao País melhores práticas de financiamento, as quais eu espero que ajudem. Mas há muito ainda a melhorar.

Gazeta Mercantil - *O Brasil não está crescendo tanto quanto outras economias. Há possibilidade de perder espaço no sistema internacional?*

Collyns - Acho que o Brasil crescerá mais rápido. O Brasil é um país com grandes recursos naturais e humanos. Por isso, tem todo o potencial para crescer mais rápido. Particularmente, não acho que o Brasil perderá sua importância. Mas acho que, para crescer rápido, o Bra-

sil dependerá de políticas públicas que incentivem isso.

Gazeta Mercantil - *A primeira etapa da reforma do FMI beneficiou apenas China, México, Turquia e Coreia do Sul. Não é um sinal de que o baixo ritmo de crescimento da economia do Brasil pode reduzir sua representatividade na instituição?*

Collyns - Não. Apenas quatro países tiveram suas cotas aumentadas porque havia grandes discrepâncias (entre o tamanho de suas economias e suas cotas, ou poder de voto). Essa é apenas a primeira etapa da reforma. Na próxima, haverá mais exames dos níveis das cotas e é claro que a possibilidade de aumentar a cota do Brasil será considerada (na primeira etapa da reforma, foi reduzida de 1,42% para 1,4%).

Gazeta Mercantil - *O FMI tem alertado para o risco de a desaceleração da economia norte-americana causar uma crise global e destacado a necessidade de os países se prepararem para reduzir suas vulnerabilidades. O Brasil está pronto para o desafio?*

Collyns - O Brasil fez muitos progressos para reduzir sua vulnerabilidade. Algo importante é que a área fiscal tem sustentado altos níveis de superávits primários, há um fortalecimento da composição do débito público. O Brasil tem mais dívidas em real, o que garante menos exposição ao dólar. Além disso, há um crescimento das exportações que permite o aumento das reservas. Como resultado, o Brasil está numa posição muito forte para enfrentar uma turbulência nos mercados emergentes. Na crise de maio e junho, por exemplo, o Brasil foi prejudicado em algum grau. Mas, rapidamente o mercado se recuperou quando

percebeu que o Brasil não estava exposto a muitos riscos.

Gazeta Mercantil - *Mas o impacto, por menor que seja, é inevitável...*

Collyns - Se a economia dos Estados Unidos crescer menos, claro que haverá algum impacto no Brasil. Isso pode ser um movimento global, e o Brasil não poderá escapar de alguns efeitos. Mas acho que o Brasil será menos afetado do que outros países da região, pois as exportações do Brasil são bem diversificadas. O Brasil exporta para muitos destinos, como Europa e Ásia. A China também é importante para o País, não só porque importa mas também porque está fazendo os preços internacionais das commodities subirem.

Gazeta Mercantil - *Algumas pessoas no Brasil, entre elas membros da oposição, dizem que o aumento dos gastos públicos está relacionado ao processo eleitoral. O sr. concorda?*

Collyns - Não. O governo tem algumas prioridades, como os programas sociais e a infra-es-

"Acho que, para crescer rápido, o Brasil vai depender de políticas públicas que incentivem isso"

trutura, e tem tentado aumentar os gastos nessas áreas no decorrer dos anos. O governo tem sido cauteloso porque percebeu que não basta gastar dinheiro, mas gastar do jeito certo para que o dinheiro não seja desperdiçado. Além disso, o governo tem restrições fiscais e tem tido o cuidado de não deixar os gastos crescerem mais do que a arrecadação, a qual tem crescido nos últimos anos.

Gazeta Mercantil - *FMI e Ban-*

co Mundial destacaram que a energia será fundamental para a manutenção do crescimento da economia mundial. O Brasil tenta usar seu conhecimento sobre fontes de energia renovável para ser estratégico na área. O Brasil pode se beneficiar politicamente desse conhecimento?

Collyns - O Brasil tem um imenso potencial na agricultura. O problema é que as exportações de produtos agrícolas são limitadas por medidas protecionistas de alguns países. Há grandes barreiras contra açúcar e seus produtos, por exemplo, nos EUA. A liberalização do comércio global seria um dos meios pelos quais o Brasil poderia aumentar a produção de etanol. Além disso, o Brasil tem também potencial em outras áreas, como energia hidrelétrica, gás natural e petróleo. Acho que o Brasil tem feito muito bem ao desenvolver essas áreas.

Gazeta Mercantil - *O presidente Lula disse que o pagamento antecipado da dívida do país com o FMI (US\$ 15,5 bilhões), realizado em janeiro, e a obtenção da auto-suficiência em petróleo garantem ao Brasil uma espécie de independência nas relações internacionais. Qual a sua opinião?*

Collyns - Acho que o Brasil é independente há muito tempo. Não acho que o FMI está atinguindo a soberania dos países.

Gazeta Mercantil - *O presidente Lula fez essa declaração a poucos dias das eleições. Houve motivação eleitoral na decisão do governo brasileiro de pagar antecipadamente a dívida com o FMI?*

Collyns - A meu ver, o Brasil tinha reservas e pareceu fazer sentido ao País pagar menos juros ao FMI ao pagar antes sua dívida. Ninguém (FMI) ficou preocupado com a possibilidade de o Brasil estar se expondo a um risco. Foi uma boa operação.

Gazeta Mercantil - *O FMI demonstrou apreensão com o crescente populismo na América Latina. No Brasil há esse risco?*

Collyns - Acho que é bastante pequeno. Um fator positivo no Brasil foi que, apesar das mudanças de governo, a mesma disciplina da política macroeconômica foi mantida. É claro que cada governo tem suas prioridades. O presidente Lula tem como foco os programas sociais, como o Bolsa Família, que foi bem-sucedido. Mas, ao mesmo tempo, ele manteve a mesma estrutura macroeconômica.

Gazeta Mercantil - *Empresários brasileiros temem que o presidente Lula, em eventual segundo mandato, adote políticas econômicas menos ortodoxas. Eles têm razão?*

Collyns - Não tenho nenhuma percepção específica sobre a situação política. Mas fiquei muito impressionado pelas políticas econômicas do primeiro mandato e não há razão para um segundo ser diferente.